

enquanto matéria ficcional, realidade tocável que conflui para o contexto sempre maior: a brutalidade da engrenagem social.

Por essas e outras, recusando-se a ser “o Joyce da Casa Verde ou o Proust da Barra Funda”, não por acaso, Marcos Rey é, no centro da ficção nossa de cada dia, o rei da margem no Brasil.

Abstract: *Biographic and literary essay, identifying on the whole of Marcos Rey's work his singularity on the margins concerning as much the predominance of characters hanging on life's edge, and focused on in a "social thrilling" prose, as the "silence" of the specialized review towards the Brazilian author.*

Keywords: *Marcos Rey, biographic and literary essay*

O USO DE RELAÇÕES SEMÂNTICAS NA ANÁLISE GRAMATICAL

Carlos Franchi*
Esmeralda V. Negrão**
Ana Lúcia Müller***

Resumo: *Assumindo que a teoria gramatical visa a estabelecer a relação entre a forma das expressões e sua significação, o artigo discute o uso de propriedades e relações semânticas para auxiliar a argumentação na descrição de fenômenos gramaticais. Nesse sentido, o artigo examina a construção de cenários e o uso das relações de paráfrase, consequência e contradição como instrumentos na construção de hipóteses descritivas sobre a sintaxe de uma língua. As funções de adjunto adnominal e de predicativo são analisadas como ilustração de um estilo analítico de discussão sobre a Gramática do Português.*

Palavras-chave: *gramática, sintaxe, semântica, argumentação*

Introdução

A teoria gramatical visa a estabelecer a relação entre a forma das expressões e a sua significação; em outros termos, a construção de uma teoria gramatical deve mostrar as correlações entre a estrutura sintática e a estrutura semântica. Nesse sentido, mesmo os pesquisadores que limitam o seu trabalho aos aspectos sintáticos das línguas naturais e que procuram servir-se exclusivamente de critérios de

* USP e UNICAMP.

** USP.

*** USP.

análise e argumentos sintáticos, não podem deixar de ter no horizonte os aspectos semânticos envolvidos nos fatos gramaticais que descrevem.

De fato, manipulando certas propriedades sintáticas (a ordem dos constituintes, construções envolvendo deslocamento de constituintes como, por exemplo, a passiva, ou condições de substituição de um sintagma nominal por um pronome) pode-se justificar, por exemplo, a distinção entre um adjunto adnominal e um predicativo do objeto direto na análise tradicional da sentença em (1). Essa sentença é ambígua em pelo menos duas interpretações que correspondem a diferentes funções sintáticas de *fácil*: na primeira interpretação, *fácil* é um adjunto adnominal de *caminho* e, na segunda interpretação, *fácil* é um predicativo do objeto direto *o caminho*. Como mostrado em artigo anterior¹, para explicar a ambigüidade encontrada na sentença (1) propusemos que a ela correspondem duas estruturas diferentes, uma em que o adjetivo *fácil* é parte do sintagma nominal e outra em que ele é um constituinte independente. O quadro I apresenta essas estruturas e, de maneira resumida, construções sintáticas que servem como evidência à análise proposta uma vez que, ao modificarem-se as relações de *fácil* com os demais constituintes da sentença, altera-se também sua função sintática.

(1) Os alunos de Tom acharam o caminho fácil.

QUADRO I

FUNÇÃO	ADJUNTO ADNOMINAL	PREDICATIVO DO SUJEITO
estrutura sintática	Os alunos acharam [o caminho fácil]	Os alunos acharam [o caminho] [fácil]
mudança de ordem	Os alunos acharam o fácil caminho	Os alunos acharam fácil o caminho
passiva	O caminho fácil foi achado pelos alunos	O caminho foi achado fácil pelos alunos
pronominalização	Os alunos acharam-no/ele	Os alunos acharam-no / ele fácil.

¹ Ver FRANCHI; NEGRÃO; MÜLLER (1998) para uma análise detalhada desta ambigüidade e para uma discussão de como construir a argumentação em favor de uma ou outra proposta de análise em sintaxe.

No entanto, é sempre necessário fazer referência à interpretação das orações em jogo. Isto é, indiretamente, estamos fazendo referência a propriedades e relações semânticas dos enunciados. Vamos, então, tornar essa referência mais explícita: veremos como alguns critérios semânticos podem auxiliar a argumentação sobre as hipóteses descritivas que fazemos em sintaxe, mostrando que a descrição sintática proposta possui relevância gramatical. Ou seja:

- se a análise e descrição sintáticas apresentam duas estruturas como diferentes e não correlacionadas, como é o caso da análise da sentença (1), deve haver diferenças de significação, mesmo que superficialmente as orações descritas pareçam a mesma oração;

- se a análise e descrição sintáticas apresentam duas estruturas como deriváveis uma da outra ou de algum modo correlacionadas, como é o caso das sentenças nas diferentes colunas do quadro I, deve haver correlação de sentido entre as expressões que instanciam ou manifestam essas estruturas.

Antes de iniciar o trabalho, vale a pena deixar um pouco mais clara a resposta a esta questão: o que estamos chamando de "significação" e de "semântica"?

1. Uma noção de semântica e de suas relações com a sintaxe

Não vamos resolver essa questão, aliás bastante controvertida. Para nossa finalidade aqui, basta uma aproximação provisória. Por enquanto podemos afirmar que "significar" quer dizer "estabelecer uma relação entre", de um lado, as expressões das línguas naturais e, de outro, certas situações ou acontecimentos que poderiam ocorrer no mundo real ou nos mundos de nossa imaginação.

Nessas situações estão envolvidos:

- indivíduos (pessoas, objetos, coisas, lugares etc.), caracterizados por propriedades específicas, como "o Tom", "o caminho";
- conjuntos de indivíduos, igualmente caracterizados, como "os alunos";
- processos, estados ou ações, como "procurar" e "achar";
- ou mesmo sentimentos, percepções, conhecimentos, que expressamos por "achar" no sentido de "considerar, avaliar, julgar";
- ou qualidades, como aquela a que nos referimos quando usamos *fácil*.

De outro lado, do lado das expressões linguísticas, estão envolvidos os itens lexicais, como "Tom", "alunos", "achar", "fácil", "o", "de", que se organizam

sintaticamente, segundo certos princípios e regras, como quando dizemos a sentença (1), de modo a permitir que relacionemos essa oração a uma situação, um acontecimento, como o fato dos alunos de Tom acharem fácil o caminho (do sítio onde faziam o churrasco, por exemplo).

Essa maneira imprecisa de dizer o que é significação tem muitos riscos de mal-entendido. Vamos evitar, pelo menos, dois deles. Um primeiro é que, pelo exemplo utilizado, pode-se ficar com a idéia de que, quando falamos em situações ou fatos, nos referimos aos que de fato ocorrem. Mas, e a significação das expressões que se mostrarem falsas? Por isso, para descrever a significação de uma expressão, basta estabelecer com precisão como os fatos a que a expressão se refere deveriam ser, em determinadas circunstâncias, para que possamos avaliar se a expressão é verdadeira ou falsa.

Outro risco seria o de entender que basta conhecer a significação de cada item lexical que se encadeia na expressão, para conhecer a significação da expressão como um todo. É claro que cada item lexical contribui para a interpretação. Pense, por exemplo, em trocar, em (1) "Tom" por "João", "alunos" por "amigos", "os" por "alguns", e assim por diante. E também quisemos dizer que a significação de uma expressão complexa resulta da composição da significação de suas partes. Mas composição aqui não significa somente "juntar essas partes", somá-las. Envolve, também, o modo particular pelo qual essas partes se relacionam estruturalmente.

Para entender melhor isto, tomemos três sintagmas como "o caçador", "a onça pintada", "matou". Com eles podemos formar, pelo menos, duas orações, analisáveis em duas diferentes descrições sintáticas; em cada uma delas, esses constituintes contratam entre si relações específicas, recebendo diferentes funções gramaticais (sujeito/objeto direto), que se manifestam claramente na ordenação dos sintagmas constituintes:

- (2) a - O caçador matou a onça pintada;
b - A onça pintada matou o caçador.

Estas orações são formadas com os mesmos elementos que se organizam, entretanto, em duas estruturas. Recebem, obviamente, cada uma delas, diferentes interpretações, referindo-se a diferentes acontecimentos no mundo: significações que resultam do modo por que foram construídas sintaticamente.

Nosso exemplo (1) é ainda mais interessante. Essa oração recebe, pelo menos, duas interpretações, correspondentes a:

- (3) a - Os alunos (de Tom) encontraram o caminho fácil;
b - Os alunos (de Tom) consideraram o caminho fácil.

Para chegar a essas duas interpretações, utilizamos em (1) a mesma expressão com os mesmos elementos constituintes, na mesma ordem e até, eventualmente, com a mesma pronúncia e entoação. É que os falantes do português sabem que esses constituintes foram compostos por processos distintos, correspondendo a dois esquemas de relações ou duas estruturas sintáticas.

Assim, a significação de uma expressão complexa depende (é função) da significação de suas partes e do modo pelo qual essas partes se compõem ou se estruturam. Esta observação é importante, porque nos permite ver que as considerações semânticas, em que estamos interessados, na construção de uma teoria gramatical, exigem, como pressuposto, um trabalho cuidadoso de descrição das estruturas sintáticas envolvidas.

Como dissemos acima, este é um primeiro passo no estabelecimento das correlações entre a sintaxe e a semântica (e, talvez, um dos objetivos fundamentais da teoria gramatical): ser capaz de descrever as relações sintáticas das expressões de modo a mostrar como os constituintes se estruturam nas orações. Desse modo, entendemos as diferenças de interpretação, que podem não decorrer de elementos isolados, mas do modo pelo qual esses elementos se compõem e se estruturam na oração.

2. A construção de cenários

Podemos, agora, chegar ao que nos interessa: como utilizar, na justificação de hipóteses descritivas de nosso estudo gramatical das orações do Português, as intuições que temos sobre o que elas significam?

Se quiséssemos comprovar que, apesar da aparência superficial, a oração (1) corresponde a duas descrições estruturais sintáticas distintas, poderíamos nos servir de várias estratégias que põem em evidência os correlatos semânticos dessa distinção.

A primeira estratégia utilizada é a de construir dois "cenários" que, contextualizando essa oração, levam à escolha entre uma ou outra interpretação. Nes-

se caso, estamos utilizando um fato conhecido da linguagem: embora as expressões das línguas naturais sejam muitas vezes ambíguas e vagas, sabemos que, em uma situação específica de discurso, em um contexto apropriado, conseguimos interpretá-las de modo bastante preciso. Assim, construindo um cenário apropriado, podemos fazer aparecer um ou outro sentido que desejamos discutir.

Utilizar diferentes cenários não passa de um procedimento, de uma técnica para conseguir esclarecer não somente diferentes situações de uso das expressões mas, sobretudo, diferentes situações que as expressões descrevem. Muitas vezes, no caso de expressões ambíguas, interpretamo-las em um sentido e dificilmente nos damos conta de uma outra interpretação possível. Precisamos, por isso, colocar as expressões que estudamos sob diferentes focos ou sobre diferentes fundos.

Examinem um outro exemplo:

(4) O garoto tirou os botões dos bolsos traseiros da calça.

Imaginem-na enunciada nestes diferentes cenários:

CENA I

"Marinho é da-pá- virada! Não há roupa que não suje ou arrebente. Anésia, sua mãe, aprontou-lhe o terno novo para o casamento da irmã. Ele não parou de mexer em cada prega e em cada bolso, de desabotoar e abotoar cada peça. O garoto não descansou enquanto não tirou os botões dos bolsos traseiros da calça, deixando pendurados os restos de fio de linha..."

CENA II

"Marinho observava os colegas jogando futebol de botão na mesa da sala. Era muito tímido para se oferecer a jogar.

- Vamos deixar o Marinho jogar agora.

- Não. Só joga quem tiver time.

E Marinho:

- Mas eu tenho!

- Cadê?

Aí, o garoto tirou os botões dos bolsos traseiros da calça. E era um time de botões da melhor qualidade, tanto para a defesa quanto para o ataque".

As diferenças na análise sintática de (4) que correspondem às diferenças de interpretação, são expressas pela análise de dos bolsos traseiros da calça como adjunto adnominal de bolsos na interpretação que corresponde à cena I e na inter-

pretação que corresponde à cena II, dos bolsos traseiros da calça como adjunto adverbial de tirar.

A construção de cenários, porém, não se presta somente para casos de ambigüidade. Muitas vezes, duas expressões parecem inteiramente sinônimas e a reconstrução em cenários das condições de uso podem produzir nuances de sentido. Considere as orações:

(5) a - Você vai sair, não?

b - Você não vai sair, vai?

Aparentemente, (5a) e (5b) são perguntas equivalentes que podem ter como resposta - "sim, vou sair" ou "não, não vou sair". Entretanto, um exame mais cuidadoso indica que ambas cabem melhor em cenários diferentes:

CENA III

"Jamil marcara um encontro com seu colega Juvenal para, enfim, concluírem um trabalho que deveria ser entregue no dia seguinte. De tarde, no horário marcado, vai à casa de Juvenal e o encontra na porta de casa em roupa de domingo. Preocupado pergunta:

- ...?"

CENA IV

"Jamil e Joaquina resolvem reunir-se para de uma vez resolverem os seus problemas de namoro. Estão na sala do apartamento de solteiros que Jamil partilha com Juvenal. Este nem desconfia e se fica por lá contando casos da escola. Logo que se vê a sós com Juvenal, na cozinha, Jamil pergunta:

- ...?"

Esses pequenos cenários funcionam como modelos reduzidos da realidade, como recortes das circunstâncias possíveis em que, estando envolvidos um pequeno número de indivíduos e processos, se facilita a compreensão das relações de significação envolvidas entre as expressões e as situações".

2. Relações de paráfrase

Uma segunda estratégia é a de construir diferentes paráfrases para cada uma das interpretações que desejamos distinguir. Observe no quadro I algumas orações que comparamos, ressaltando as propriedades sintáticas da sentença (1) que nos interessam.

As orações que correspondem ao predicativo do sujeito, embora apropriadas em diferentes condições de discurso, possuem algo em comum: referem-se à mesma situação objetiva, correspondendo a uma das interpretações de (1), expressam a opinião dos alunos de Tom a respeito da facilidade do caminho. Do outro lado, as orações que correspondem ao adjunto adnominal, todas correspondem à outra interpretação de (1): que os alunos de Tom encontraram o caminho que era fácil.

Por isso as chamamos de “paráfrases”: são diferentes expressões, com elementos lexicais e particularidades sintáticas próprias, que se referem a uma mesma situação e, nesse sentido restrito, possuem a mesma significação, em determinados contextos de uso.

Embora visando a colocar em evidência certas propriedades sintáticas, podemos nos servir indiretamente da relação semântica da paráfrase, ou sinonímia das construções. O procedimento baseia-se em uma hipótese auxiliar:

- uma expressão pode esconder, na seqüência idêntica de constituintes, dois diferentes esquemas relacionais, tendo como conseqüência diferentes interpretações;

- o comportamento sintático dessa expressão, em relação a determinadas transformações (por exemplo, na ordem dos constituintes, na formação da voz passiva), é sensível a essa diferença estrutural, variando conforme a interpretação correspondente;

- operando sobre a expressão, conseguimos obter dois conjuntos distintos de orações, um deles associado a uma das interpretações, outro associado à outra;

- podemos nos servir dessa bifurcação dos conjuntos de paráfrases como argumento a favor de nossa hipótese relativa a uma ambigüidade estrutural.

Podemos reprisar esse procedimento para o estudo de outras orações, começando por um exemplo bem simples. Retomem nosso exemplo anterior (4):

(4) O garoto tirou os botões dos bolsos traseiros da calça.

As duas interpretações dessa oração têm, como correlato sintático, duas diferentes análises, como já apontamos. Numa delas, “dos bolsos traseiros da calça” corresponde a um adjunto adnominal de “bolsos”, especificando de que bolsos se fala. Nesse caso, como vimos no item anterior a propósito de outro exemplo, esse adjunto forma com o nome “botões” um único constituinte. Algumas paráfrases que mostram isso:

- (7) a - [Os botões dos bolsos traseiros da calça] foram tirados pelo garoto (passiva);
- b - [Os botões dos bolsos traseiros da calça], o garoto os tirou (topicalização);
- c - Foram [os botões do bolso traseiro da calça] que o garoto tirou (clivagem);
- d - [O que] o garoto tirou? Ora, [os botões do bolso traseiro da calça] (interrogação de constituinte).

Na outra análise, “dos bolsos traseiros da calça” está relacionado ao verbo, como adjunto adverbial (de onde o garoto tirou os botões). Nesse caso, “dos bolsos traseiros da calça” forma um constituinte independente de “bolsos”, o que se pode verificar nas paráfrases:

- (8) a - Os botões foram tirados pelo garoto dos bolsos traseiros da calça (passiva);
- b - Os botões, o garoto os tirou dos bolsos traseiros da calça (topicalização);
- c - Dos bolsos traseiros da calça, o garoto tirou os botões (topicalização),
- d - Foram os botões que o garoto tirou dos bolsos traseiros da calça (clivagem);
- e - Foi dos bolsos traseiros da calça que o garoto tirou os botões (clivagem);
- f - O que o garoto tirou dos bolsos traseiros da calça? Os botões (interrogação de constituinte);
- g - De onde o garoto tirou os botões? Ora, dos bolsos traseiros da calça (interrogação de constituinte).

Um outro exemplo. Considere a oração:

(9) Os japoneses [que são inteligentes e dedicados] dominaram a tecnologia dos computadores.

Nela, a oração subordinada adjetiva pode ter duas leituras: uma interpretação restritiva e uma interpretação explicativa. Vamos utilizar algumas paráfrases para colocar em evidência essa diferença. Algumas boas paráfrases, para a interpretação restritiva, seriam:

- (10) a - Somente os japoneses que são inteligentes e dedicados (e não os outros japoneses) dominaram a tecnologia dos computadores;
- b - Dentre os japoneses, os que são inteligentes e dedicados, dominaram a tecnologia dos computadores.

E nesse caso, isto é, quando as expressões de (10) são paráfrases apropriadas de (9) em um certo contexto de uso, o predicado “dominaram a tecnologia dos computadores” se aplica a um subconjunto do conjunto dos japoneses.

Na outra interpretação, ou seja, quando se usam os adjetivos “inteligentes e dedicados” com valor explicativo, as paráfrases adequadas seriam:

- (11) a - Os inteligentes e dedicados japoneses dominaram a tecnologia dos computadores;
- b - Os japoneses, inteligentes e dedicados que são, dominaram a tecnologia dos computadores.

Se estas são, em um certo contexto de uso, paráfrases de (9), observa-se que os adjetivos “inteligentes e dedicados” não restringem a extensão de “japoneses”: o predicado “dominaram a tecnologia dos computadores” aplica-se aos japoneses em geral.

O uso de paráfrases pode ser, portanto, um instrumento útil para mostrar diferenças semânticas de que a descrição gramatical deve dar conta. Em todos os exemplos de que nos servimos, um contraste na significação correspondeu a uma diferente análise e a uma diferente classificação das expressões.

3. O uso de outras relações semânticas na argumentação gramatical

Examinemos, agora, outras estratégias de argumentação que se servem de relações semânticas. A análise tradicional formulou adequadamente, em seus termos, uma distinção importante: a diferença sintática entre adjuntos adnominais do objeto direto e predicativos do objeto direto, exemplificado em (1). Entretanto, essa análise fica limitada a orações construídas com determinados verbos: os verbos judicativos (*achar, considerar, julgar, ...*). É como se a construção com o predicativo do objeto direto fosse consequência somente das propriedades lexicais desses verbos.

Vamos trazer novos dados para avaliar essa hipótese descritiva. Considerem a oração abaixo:

- (12) Agora, o meu neto está bebendo o leite quente.

E sobre ela façamos duas questões para responder em seguida:

1ª. questão: Será que (12) também é ambígua?;

2ª. questão: E se for ambígua, essa oração apresenta, para cada interpretação, diferentes propriedades sintáticas?

Para usar um recurso conhecido, construamos um cenário como contexto de uso dessa oração:

CENA V

“O Andrezinho recusa sempre a mamadeira fria. Por isso, ele se recusava a mamar. Então, a empregada esquentou o leite no forno de microondas. O avô que observa o nenê fala (12): Agora, o meu neto está bebendo o leite quente”.

A partir da interpretação de (12) nesse cenário, podemos dar um passo um pouco mais exigente, apelando mais fortemente pela intuição: examinar algumas pressuposições que suportam a interpretação da oração. Por exemplo, quem enuncia (12) coloca algumas questões que ficam pressupostas:

- (13) a - que ele tem pelo menos um neto;
- b - que esse neto existe;
- c - que existe também leite disponível.

E se o que esse alguém disse é verdade, isto é, o neto dele está, de fato, bebendo leite quente, então pode-se concluir que também será verdadeiro:

- (14) a - que o seu neto agia de um certo modo, no momento em que o avô enuncia (12);
- b - que o leite estava sendo bebido;
- c - que o leite estava quente.

Isto é, dizer – “agora, meu neto está bebendo o leite quente” – recorta determinados aspectos de uma situação no mundo real que envolve outros aspectos ou outras situações. Ou então, (12) tem como pressupostos (13) e como consequências (14). (Esses termos, “pressupostos” e “consequências”, são termos técnicos que mereceriam maiores explicações. Mas pensamos que os exemplos já bastam a nossos propósitos). Em que isso poderia ajudar-nos?

Vamos construir um segundo cenário para a mesma oração (12):

CENA VI

A empregada está preparando a mamadeira do nenê. O avô experimenta o leite e percebe que ele está frio. Então, o avô adverte a empregada, dizendo (12): "Agora, meu neto está bebendo o leite quente".

O que o avô está dizendo nesta cena (para usar uma paráfrase) é qualquer coisa como:

(15) Agora (desde uns tempos para cá), o meu neto está bebendo o leite só se (ou quando) o leite está quente.

Então, examine de novo os pressupostos e as conseqüências que se podem tirar de dizer (12) nessa nova situação. São as mesmas de (13) e (14)? Em parte sim, em parte não. Por exemplo, continuam valendo, para a interpretação de (14), neste novo cenário:

- (16) a - que ele, o avô que fala, tem pelo menos um neto;
b - que esse neto existe.

Mas não que deva existir também leite disponível. Observe que são outras orações incluídas no cenário que pressupõem a disponibilidade do leite na situação ("O avô experimenta o leite e percebe que ele está frio") e não (12). De fato, o avô poderia estar contando na rua a uma vizinha que agora o bebê está bebendo o leite quente, sem que isso pressuponha a presença de leite por ali.

Além disso, nessa interpretação, (12) já não tem como conseqüência nenhum dos enunciados referidos em (14). Na verdade, não podemos tirar de (12) a conseqüência de que o neto do enunciador estava, no momento da enunciação, agindo de um determinado modo, nem que estava bebendo o leite e, menos ainda, que o leite estava quente.

A idéia que está por trás dessa comparação entre as pressuposições e conseqüências de dizer (12), ou com a interpretação da cena V, ou com a interpretação da cena VI é a seguinte:

- se duas expressões (ou duas ocorrências da mesma expressão, do ponto de vista de sua manifestação sonora) pressupõem as mesmas condições de fato e têm exatamente as mesmas conseqüências, então possuem a mesma significação;
- caso contrário, possuem diferentes significações.

No nosso exemplo, parece sobretudo notável que a primeira das interpretações tem como conseqüência o fato de que:

(17) O leite está quente.

Ao contrário, na interpretação da cena VI, já não se pode concluir que o leite esteja quente. Seria até mais apropriado (embora não necessário) concluir que:

(18) O leite não está quente

(o que justifica a advertência do avô à empregada).

Isto é, embora estejamos analisando uma mesma oração, no que se refere ao encadeamento superficial dos constituintes, a afirmação de que o leite está quente é parte de seu sentido na primeira interpretação, mas não é parte do seu sentido na segunda interpretação.

O estudo de uma outra relação semântica, que se pode estabelecer entre orações já consideradas, parece muito útil para a argumentação. Ela é a relação de contradição.

Observem, primeiro, que se um enunciado B é conseqüência de outro enunciado A, então não podemos afirmar A e a negação de B, sem cair em contradição. Vejam, em seguida, que na interpretação exibida na cena V, da afirmação de A:

- A (12) Agora, meu neto está bebendo o leite quente,
se tira a conseqüência B:
B (17) O leite está quente.

E por isso, não é possível dizer sem contradição:

(19) O meu neto está bebendo o leite quente (o leite que está quente) e o leite não está quente.

Já na interpretação da cena VI, (18) pode ser usada com muita conveniência:

(20) Olha, Maria. Agora o meu neto está bebendo o leite quente e o leite não está quente. Por que você não esquentá ele?

Isto comprova, mais uma vez, que tiramos diferentes conseqüências de (12), conforme a interpretemos em dois contextos distintos de uso. (12) é, pois, ambígua, tanto quanto (1). Como as relações entre as orações de que nos servi-

mos (de paráfrase, de conseqüência, de contradição) estão diretamente vinculadas a sua significação, podemos concluir que, de fato, (12) possui duas diferentes significações.

Isso responde somente à primeira das questões que levantamos logo ao propor esse exemplo. Resta, porém, responder à segunda questão: se a dupla interpretação corresponde a diferentes propriedades estruturais e sintáticas.

Para responder à segunda questão, devemos lembrar, antes de mais nada, que a ambigüidade geradora das interpretações de (12) está ligada, como em (1), a diferentes relações entre o adjetivo e o nome objeto direto. Nesta, entre “fácil” e o “caminho”; naquela, entre “quente” e “o leite”.

No caso de (1), correspondendo, respectivamente, a uma análise do adjetivo como “predicativo” e como “adjunto adnominal”, podemos observar que a relação entre o adjetivo e o nome pode se expressar em dois diferentes tipos de oração (uma “adjetiva relativa” e outra “substantiva” ou “completiva”).

No caso da oração (12), na primeira interpretação (cena V), devemos expressar a relação entre “quente” e “o leite” por uma oração adjetiva relativa:

(21) Agora, meu neto está bebendo o leite que está quente.

E, na segunda interpretação (cena VI), só podemos fazê-lo por uma oração adverbial:

(22) Agora, meu neto está bebendo o leite, quando (se) ele está quente.

Além disso, podemos observar que as propriedades sintáticas, relativas à ordem dos constituintes e ao movimento do objeto direto, são conseqüências da distinção entre “adjunto” e “predicativo”.

Assim, uma oração como:

(23) Agora, meu neto está bebendo quente o leite.

Em que “quente” se coloca antes do artigo que inicia o sintagma nominal, não se pode interpretar senão como “agora, meu neto está bebendo o leite, quando (se) está quente”.

Podemos observar um comportamento semelhante de (1) e de (12), em relação à construção passiva, à topicalização e ao deslocamento de constituinte interrogado. Vocês mesmos podem verificar que, a cada interpretação, corresponde um modo distinto de construção, nos pares abaixo:

(24) Passiva:

Interpretação I: Agora, o leite quente está sendo bebido pelo meu neto,

Interpretação II: Agora, o leite está sendo bebido quente pelo meu neto;

(23) Topicalização:

Interpretação I: O leite quente, meu neto está bebendo agora,

Interpretação II: O leite, meu neto está bebendo quente, agora;

(24) Interrogação:

Interpretação I: Que leite quente meu neto está bebendo agora?,

Interpretação II: Que leite meu neto está bebendo quente agora?

Finalmente, vemos que um pronome substitui todo o sintagma “o leite quente” na interpretação I:

(25) A empregada preparou a mamadeira com o leite quente. Meu neto o está bebendo agora,

Enquanto, na interpretação II, o pronome substitui somente “o leite”:

(26) O leite está frio. E meu neto, agora, o está bebendo quente.

Esse paralelismo no comportamento sintático das duas orações, (1) e (12), nos permite avaliar hipóteses que tentam explicar sua ambigüidade. Se pensarmos que a função sintática e gramatical de “predicativo do objeto direto” se define na dependência da propriedade lexical de alguns verbos judicativos, como “achar”, “considerar”, “julgar” e outros, temos que o verbo “beber” não se enquadra nessa classe de verbos. O que percebemos, portanto, operando sobre um conjunto de dados, é que uma distinção sintática como a que a gramática tradicional faz entre “adjuntos adnominais” e “predicativos do objeto direto”, deve estender-se a outros verbos transitivos. Isto é, essa análise não depende somente das propriedades lexicais de alguns verbos, mas também de determinadas condições estruturais: de diferentes modos de relacionar o adjetivo e o substantivo e de compor com eles um único constituinte ou relacioná-los como dois constituintes autônomos na sintaxe.

Vale a pena colocar pelo menos um outro exemplo de como se pode utilizar a relação de conseqüência e de contradição entre orações para fazer surgirem

diferentes análises e interpretações, que nos interessam na elaboração de uma teoria gramatical.

Recorde-se, antes, o que dissemos no item 3 a respeito da distinção entre adjetivos explicativos e restritivos. Então, observemos a oração:

(27) O meu filho bem preparado pela universidade teve sucesso profissional.

Se interpretamos essa oração em uma leitura em que “bem preparado pela universidade” é um adjunto restritivo, podemos tirar as seguintes conseqüências:

(28) a - Ele, o pai que enuncia (27), tem mais de um filho;

b - O(s) outro(s) filho(s) não foi(foram) bem preparado(s) pela universidade.

Ou seja, “bem preparado pela universidade”, como adjunto restritivo, contrapõe o conjunto dos filhos bem preparados pela universidade (no caso, um conjunto unitário), aos que não são bem preparados.

Se, de outro modo, interpretamos (27) com uma leitura “explicativa”, nenhuma dessas conseqüências se justifica. É perfeitamente compatível com (27), que ele (o pai que a enuncia) esteja falando de seu único filho.

Com uma interpretação restritiva de “bem preparado pela universidade”, não se poderia dizer, sem contradição:

(29) O meu filho bem preparado pela universidade teve sucesso profissional, porque é meu único filho.

De fato, (29) só admite uma leitura explicativa do adjunto em questão.

Conclusões

Não foi bem para discutir as funções de adjunto e predicativo (ou a distinção entre adjetivo restritivo e explicativo) que escrevemos este artigo. O que nos interessa é que se possa observar como pode ser útil, para a elaboração de uma gramática, dispor de alguns instrumentos simples de análise sintática e semântica.

Neste artigo, examinamos vários deles:

- a técnica de construção de cenários apropriados, para fazer aparecerem nesses contextos, diferentes significações;

- o uso de algumas relações semânticas entre o enunciado examinado e outros enunciados, como a de paráfrase, de conseqüência e de contradição.

Isso porque acreditamos que os resultados da análise semântica devem ser o pano de fundo para a análise sintática e gramatical.

Algumas conclusões podem ser tiradas dos exercícios que fizemos:

I. A teoria gramatical não pode ser confundida com técnicas de examinar os dados das línguas naturais. Mediante elas, porém, podemos fazer aparecerem a nossos olhos alguns fatos lingüísticos (sintáticos e semânticos) que nos interessam.

Tudo o que fizemos não depende, em princípio, de uma teoria gramatical sofisticada. Usamos noções da gramática tradicional e, em cada passo, tiramos conclusões que parecem óbvias para quem fala o português. Mas é justamente sobre essas obviedades, que não exigem muito mais do que nossa intuição de falantes do português, que podemos tomar decisões a respeito da estrutura sintática e semântica das expressões que estivermos analisando e estabelecer, conseqüentemente, distinções sintáticas importantes que as diferenças semânticas indiciam;

II. Esse é um estilo diferente de construir e avaliar as hipóteses descritivas que desejamos estimular no estudo e na elaboração da gramática do português. Não precisamos nos preocupar tanto com definições e classificações, mas sim em examinar as definições e classificações que propomos à luz dos fatos do português. A lingüística é uma ciência empírica: as categorias, relações, funções ou os conceitos, noções e operações de que nos servimos na elaboração de uma teoria gramatical somente fazem sentido se constituírem um sistema de referência com que possamos descrever e explicar os fatos da língua que estivermos considerando;

III. Os procedimentos utilizados devem ser analíticos e críticos. Trata-se de estar sempre em condições de confirmar ou rejeitar (dentro dos limites epistemológicos possíveis de “confirmação”) as hipóteses descritivas que são formuladas em determinados domínios da gramática. Para isso, antes de dominar uma teoria, precisamos aprender a “argumentar” com fatos lingüísticos;

IV. Não precisamos, logo de início, abandonar tudo o que aprendemos a respeito da gramática. No trabalho de avaliação da chamada “gramática tradicional” alguns dados parecerão resultantes de uma excelente intuição sobre o sistema da língua e a estrutura sintática de muitas expressões. Outras, terão de ser corrigidas, estendidas ou melhor delimitadas.

Abstract: *Gramatical Theory aims at establishing the relationship between the form of an expression and its meaning. This article discusses the use of semantic properties and relations as a tool to analyse grammatical phenomena. The article examines the construction of scenarios and the use of the relations of sentence synonymy, entailment and contradiction as instruments to build descriptive hypotheses about the syntax of a language. We chose to use the functions of modifying vs. predicative adjectives to illustrate an analytical style of debating the grammar of the Portuguese language.*

Keywords: *grammar; syntax, semantics, argumentation*

Tradução